





Bons estudos.

Encontrou alguém compartilhando ou copiando os resumos e materiais do Resumidus? Faça sua denúncia anônima em denuncie@resumidus.com e seja recompensado.



Siga-nos!
Twitter: resumidusbr
Facebook: resumidus
Instagram: resumidus
Youtube: Resumidus Brasil



MODERNISMO NO BRASIL



A década de 1920 foi o momento das grandes "lutas" modernistas: para firmar uma nova mentalidade estética foi necessário combater o tradicionalismo que imperava em nossas letras. Para tanto, foram utilizados recursos que só alcançam a plenitude de seu significado quando inseridos naquele momento histórico - como a paródia, o poema-piada, e daí a sátira contra o "patrimônio histórico-social-artístico" das elites, a radicalização no emprego da linguagem coloquial etc. Dos escritores desse período, os mais importantes foram Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira.

MÁRIO DE ANDRADE (1893-1945)

Professor de História da Música no Conservatório Dramático Musical, foi um dos responsáveis pela Semana de Arte Moderna (considerado o papa do Modernismo brasileiro) e animador das principais revistas da época (Klaxon, Estética e Terra Roxa). Combinou literatura e estudos de música, folclore e artes plásticas. Foi diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, fundou a Discoteca Pública. Lecionou Estética no Distrito Federal (RJ) e, de volta a São Paulo, começou a trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico.

Obras principais: Poesias – Pauliceia desvairada; Losango cáqui; Clã do jabuti; Remate de males; Lira paulistana.

↳ O poeta

Mário de Andrade iniciou suas produções poéticas sob o signo parnasiano-simbolista com a publicação de *Ha uma gota de sangue em cada poema*, de 1917. Definiu-se modernista com *Pauliceia desvairada* (1922), obra que representa o primeiro desvio sistemático dos velhos códigos literários. No "Prefácio interessantíssimo", comentou a composição do livro e as novas orientações estéticas, defendendo o uso do verso livre, a "língua brasileira", a transgressão gramatical etc. Justificou o seu distanciamento do passado afirmando que "o passado é lição para se meditar, não para reproduzir" e salientou a modernidade da obra:

Escrever arte moderna não significa jamais para mim representar a vida atual no que tem de exterior: automóveis, cinema, asfalto. Si estas palavras frequentam o livro não é porque pense com elas escrever moderno, mas porque sendo meu livro moderno, elas têm nele sua razão de ser.

Sua principal temática, como já se evidencia no título, é a cidade de São Paulo, em um momento de transformação de sua paisagem física e social - uma cidade "arlequinada" como ele a define no poema *Inspiração*:"

*São Paulo! comoção de minha vida...
Os meus amores são flores feitas de original...
Arlequinall...Traje de losangos... Cinza e ouro...
Luz e bruma... Forno e inverno morno...*

(...)

*São Paulo! Comoção de minha vida...
Galicismo a berrar nos desertos da América!*

É ainda essa nova paisagem que o autor registrou no poema "O domador", como se vê neste fragmento:

(...)

*Mas... olhai, oh meus olhos saudosos dos ontens
esse espetáculo encantado da Avenida!
Revivei, oh gaúchos paulistas ancestralmente!
e oh cavalos de cólera sanguínea!*

*Laranja da China, laranja da China, laranja da China
Abacate, cambucá e tangerina!
Guardate! Aos aplausos do esfusiante clown,
Heróico sucessor da raça heril dos bandeirantes,
Passa galhardo um filho de imigrante,
Louramente domando um automóvel!*

Mário de Andrade foi um profundo estudioso de nosso folclore, em áreas diversas como a música, a dança, a medicina, as lendas, etc. Em *Clã do jabuti* (1927) e *Remate de males* (1930) incorporou à sua obra a dimensão folclórica, poetizando mitos indígenas e lendas populares, tal como em "Toada do pai-do-mato", "Lenda do céu", "Coco do major" (coco é uma dança popular do Nordeste), "A serra do Rola-Moça" (parte do poema "Noturno de Belo Horizonte"). Um dos mais bem-acabados poemas de *Remate de males* é "Eu sou trezentos", em que o poeta flui mais facilmente, escrevendo descompromissado com os valores modernistas de 1922, apresentando-se dividido ou múltiplo em busca de seu "eu".

*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh! Pirineus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!*

*Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!*

*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.*

A partir daí, amadurecido em sua linguagem poética, trabalhou em duas vertentes básicas: seguiu a linha política de denúncia das desigualdades sociais e políticas, que inspirou os poemas de *O carro da miséria* e *Lira paulistana* e, por outro lado, escreveu obras inspiradas na linguagem



psicológica, introspectiva, explorando as inquietudes e interioridades individuais, como em *A costela do Grão-Cão e Livro azul*.

Em "*Garoa do meu São Paulo*" é possível constatar a incorporação dos valores sociais, em uma reflexão madura sobre as diferenças sociorraciais existentes entre nós.

Garoa do meu São Paulo,
– *Timbre triste de mártírios –*
Um negro vem vindo, é branco!
Só bem perto fica negro,
Passa e torna a ficar branco.

Meu São Paulo da garoa,
– *Londres das neblinas frias –*
Um pobre vem vindo, é rico!
Só bem perto fica pobre,
Passa e torna a ficar rico.

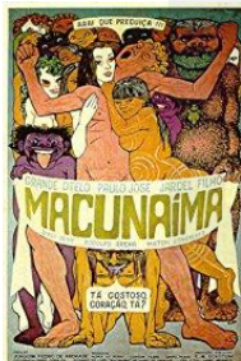
Garoa do meu São Paulo,
Costureira de malditos –
Vem um rico, vem um branco,
São sempre brancos e ricos...

Garoa, sai dos meus olhos.

Mário Andrade. Poesias completas. São Paulo.

↳ O prosador

Na prosa de ficção, a principal obra de Mário de Andrade é *Macunaíma* - O herói sem nenhum caráter (1928), em que faz um estudo do caráter nacional. Essa rapsódia (como o próprio autor a classifica) relata as aventuras de Macunaíma, herói ameríndio. Como mito e símbolo da libertação do inconsciente coletivo, Macunaíma se metamorfoseia ao sabor da imaginação popular, daí vindo o seu "nenhum caráter".



Depois da morte da mulher (Ci, Mãe do Mato), Macunaíma perde a pedra que ela lhe havia dado, a muiraquitã. Descobre que seu talismã está nas mãos do rico comerciante peruano, colecionador de pedras, Venceslau Pietro Pietra. Com seus dois irmãos, Maanape e Jigué, deixa o Amazonas e vai para São Paulo para tentar reaver seu talismã. No entanto, atrás da figura do comerciante esconde-se o gigante Piaimã, comedor de gente. Depois de muitas peripécias, Macunaíma derrota o gigante e retoma a pedra. Finalmente, retorna ao Amazonas, onde vive suas últimas aventuras e morre, ou melhor, se transforma em estrela da constelação Ursa Maior. Antes de morrer, porém, o herói conta suas aventuras a um papagaio que, por sua vez, reconta-as para o narrador da história, que então chegam ao leitor.

Esse processo de transformação em que "tudo vira tudo" traduz a metamorfose do pensamento selvagem, em que se observa a ausência de fronteiras entre o real e o

imaginário, havendo, portanto, um entrecruzamento da realidade com a fantasia. Nesse sentido, Macunaíma constitui o representante máximo do indianismo modernista, sinônimo do anti-herói romântico. Outro aspecto fundamental da obra é a linguagem próxima da oralidade folclórica. Por não ser de nenhuma região específica, capta expressões de diferentes pontos do Brasil, daí o hibridismo presente na obra. O excerto a seguir faz parte do capítulo V, denominado "Piaimã"; em que ocorre a célebre transformação física do herói:

No outro dia Macunaíma pulou cedo na ubá e deu uma chegada até a foz do rio Negro pra deixar a consciência na ilha de Marapatá. Deixou-a bem na ponta dum mandacaru de dez metros, pra não ser comida pelas saúvas. Voltou pro lugar onde os manos esperavam e no pino do dia os três rumaram pra margem esquerda da Sol.

Muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga, matos-virgens e milagres do sertão. Macunaíma vinha com os dois manos pra São Paulo. Foi o Araguaia que facilitou lhes a viagem. (...) Na frente Macunaíma vinha de carrancudo, procurando no longe a cidade. Matutava matutava roendo os dedos agora cobertos de berrugas de tanto apontarem Ci estrela. (...)

(...)

↳ O romancista: uma "lição de amor"

Entre 1923 e 1924, Mário de Andrade escreveu *Amar*, verbo intransitivo, que só viria a ser publicado em 1927. Nessa obra já se vê o autor à procura de caminhos novos para a prosa brasileira, exercitando-se em diversas inovações.

Através de opiniões, dúvidas, sarcasmos e observações, o narrador (1, pessoa onisciente) vai expondo seus pontos de vista. O enredo é simples e invulgar. Sousa Costa, rico industrial paulistano, contrata a professora alemã (Elsa) como governanta da casa e orientadora de estudos dos filhos. Mas a professora também é contratada para dar iniciação sexual ao adolescente Carlos, filho mais velho.

A intenção do pai, ao contratar uma "professora" para as primeiras relações amorosas de Carlos, era livrar o filho das prostitutas e, dessa forma, de doenças venéreas gravíssimas e de suas sequelas.

Elsa — Fräulein — aceita, disposta a ensinar o garoto, pois ela acredita que o amor deve ser "cheio de senso prático, sem loucuras"; acredita nesse tipo de relacionamento, principalmente, como o mais civilizado. Dessa forma, "ensina" ao rapaz as lições de amor, ciente de estar praticando um dever de educadora.

Através dessa história invulgar, Mário de Andrade reflete sobre a brasilidade, a mistura de raças, a influência da cultura estrangeira, o choque com outras mentalidades, além de fazer um retrato sarcástico da elite paulistana.

↳ O contista

Como contista, Mário de Andrade porta-se como inovador

do gênero, escrevendo pequenas obras-primas reunidas em seus volumes *Contos novos* e *Belazarte*.

Contos novos (publicação póstuma, em 1947) representa, para muitos críticos, o ápice, da maturidade artística de Mário de Andrade. Muito desses textos revelam o interesse do autor pelas ideias freudianas, bem como sua acentuada preocupação social.

Alguns contos narrados em primeira pessoa possuem um caráter memorialista e autobiográfico, trazendo à tona a infância, a adolescência e a juventude. Desenvolve temas como a perda da ingenuidade infantil ("Tempo da camisolinha"), a descoberta e a sublimação da sensualidade e do erotismo ("Vestida de preto"; "Frederico Paciência") e a imagem repressora e castradora do pai ("O peru de Natal").

Outros contos, narrados em terceira pessoa, trazem o culto da autoridade, o sadismo patronal ("O poço"), o clima de repressão do Estado Novo e a falta de consciência operária ("Primeiro de Maio"), a sexualidade reprimida ("Atrás da catedral de Ruão") e o despertar da solidariedade entre as pessoas ("O ladrão").

OSWALD DE ANDRADE (1890-1954)

É o mais audacioso e irrequieto membro do grupo modernista. Formou-se em Direito (em São Paulo) e desde cedo dedicou-se ao jornalismo (O Pirralho, Papel e Tinta). Esteve várias vezes na Europa, onde entrou em contato com o Futurismo e o Surrealismo. Lançou os movimentos Pau-Brasil (1924) e Antropofagia (1928) e fundou a Revista de Antropofagia. Aderiu ao comunismo em 1931 (compondo o romance de autossarcasmo Serafim Ponte Grande). Fez teatro participante, *O rei da vela*, e lançou também o jornal *O Homem do povo*.

Afastou-se da política em 1945, ano em que concorreu à cadeira de Literatura Brasileira da USP, com a tese *A Arcádia e a Inconfidência*. Candidatou-se duas vezes à Academia Brasileira de Letras. Menos de dez anos depois de sua morte, sua obra foi valorizada principalmente pelos vanguardistas (concretistas), de onde surgiu a mais entusiasmo da biografia oswaldiana.

Obras: Romances – Os condenados (chamado A trilogia do exílio, dividido em: 1, Alma; 2. Estrela do absinto; 3. A escada vermelha); *Memórias sentimentais de João Miramar*; Serafim Ponte Grande; Marco zero...

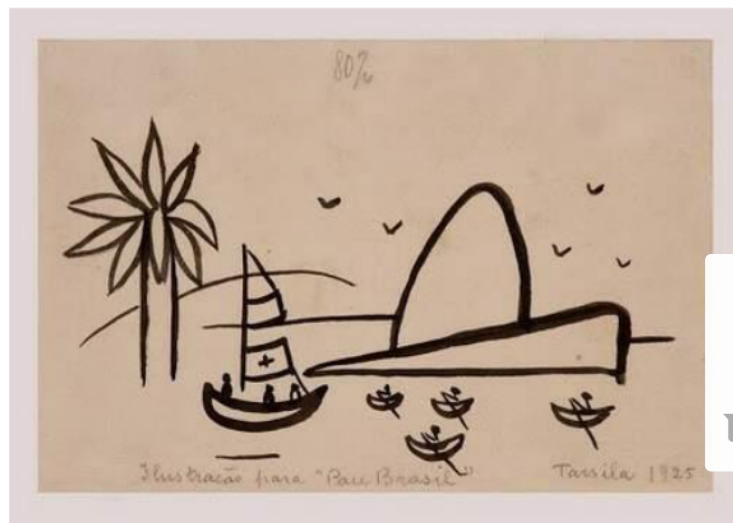
↳ O poeta

Após *Pauliceia desvairada* (1922), de Mário de Andrade, a contribuição mais radicalmente inovadora à poesia modernista foi feita por Oswald de Andrade em 1925 com a publicação de *Pau-Brasil*, ilustrado por Tarsila do Amaral.

Oswald de Andrade utiliza uma linguagem econômica, reforçada pelo tom coloquial, bem-humorado e irônico. Desenvolve a tese de poesia-exportação em *Pau-Brasil*, que visava a um desligamento de modelos poéticos europeus, e, conseqüentemente, procurava romper com a tradição

cultural até então vigente no Brasil. Sua obra pretende descobrir a terra e fazer brotar um novo tipo de nacionalismo. *Pau-Brasil* tem início com uma paródia dos textos de cronistas dos séculos XVI e XVII e chega a uma amostra da modernidade urbana, repleta de artefatos, multidões, tecnologias e propagandas.

Em "*História do Brasil*", o escritor bem-humoradamente reescreve, em tom de paródia, a carta de Pero Vaz de Caminha, reproduzindo, ironicamente, a visão que o europeu teve da terra recém-descoberta.



↳ O prosador

Nos romances *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande*, Oswald atinge o máximo de sua prosa, evidenciando toda a revolução formal apregoada pelo Modernismo. Utiliza para tanto uma linguagem telegráfica (rupturas sintáticas); capítulos-relâmpago, instantâneos, capítulos-sensação; cria neologismos; utiliza monólogo interior e técnica cinematográfica. Oswald atinge na prosa o que Mário obteve na poesia.

Serafim Ponte Grande encerra o romance de maior experimentação do autor e constitui-se em uma verdadeira transgressão à narrativa tradicional. Em sua prosa, Oswald cria personagens que representam o homem (inclusive autobiograficamente) de sua época como fruto de um momento social vivido; mas elas, destituídas de aprofundamento psicológico, são personagens plantas, traçadas com ironia, crítica e humor.

Em *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), é possível reconhecer a primeira grande ruptura da prosa moderna. Em um estilo elíptico e fragmentado, narra as aventuras e desventuras de João Miramar e, ao mesmo tempo, retrata a família e a sociedade burguesa paulistana. Iniciando com "À guisa do prefácio", traz, sob a forma de paródia, um novo e revolucionário estilo de redigir procurando unir os gêneros literários poesia e prosa. Contrapõe-se aí o velho (parnasiano) apresentando o novo (modernista) nas figuras de Machado Penumbra e João Miramar.

À guisa do prefácio

João Miramar abandona momentaneamente o periodismo para fazer a sua entrada de homem moderno na espinhosa carreira das letras. E apresenta-se como o produto improvisado e portanto imprevisto e quiçá chocante para muitos, de uma época insofismável de transição. Como os *tanks*, os aviões de bombardeio sobre as cidades encolhidas de pavor, os gases asfixiantes e as terríveis minas, o seu estilo e a sua personalidade nasceram das clarinadas caóticas da guerra.

Quanto à glótica de João Miramar, à parte alguns lamentáveis abusos, eu a aprovo sem, contudo, adotá-la nem aconselhá-la. Será esse o Brasileiro do Século XXI? Foi como ele a justificou, ante minhas reticências críticas. O fato é que o trabalho de plasma de uma língua modernista nascida da mistura do português com as contribuições das outras línguas imigradas entre nós e contudo tendendo paradoxalmente para uma construção de simplicidade latina, não deixa de ser interessante e original. A uma coisa apenas oponho legítimos embargos – é à violação das regras comuns da pontuação. Isso resulta em lamentáveis confusões, apesar de, sem dúvida, fazer sentir “a grande forma da frase”, como diz Miramar pro domo sua.

Memórias Sentimentais – por que negá-lo? – é o quadro vivo de nossa máquina social que um novel romancista tenta escarpelar com a arrojada segurança dum profissional do subconsciente das camadas humanas.

Há, além disso, nesse livro novo, um sério trabalho em torno da “volta ao material” – tendência muito de nossa época como se pode ver no Salão d’Outono, em Paris.

Pena é que os espíritos curtos e provincianos se vejam embaraçados no decifrar do estilo em que está escrito tão atuado quão mordaz ensaio satírico.

MACHADO PENUMBRA.

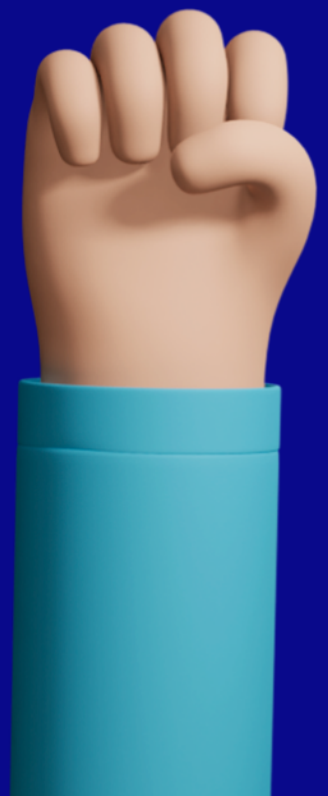
O restante do livro é dividido em 163 episódios numerados, fragmentados e sintéticos, que têm por personagem João Miramar.

Na montagem, Oswald utiliza a técnica cinematográfica e o estilo telegráfico, o que não permite uma leitura linear. O livro tem início na infância da personagem com a simulação de uma linguagem propositalmente infantil e percebe-se a quebra de valores e a força dos que detêm o poder social.

atendimento@resumidus.com
denuncie@resumidus.com

tamojunto #tamojunto
tamojunto #tamojunto
tamojunto #tamojunto

Feedback



Siga-nos!
Twitter: resumidusbr
Facebook: resumidus
Instagram: resumidus
Youtube: Resumidus Brasil